



O desenho de uma trajetória: design editorial nos jornais diários de Imperatriz (MA), de 1979 a 2013

The drawn of a trajectory: editorial design in daily newspapers of Imperatriz (MA), from 1979 to 2013

Yara Medeiros

Professora da Universidade Federal do Maranhão, no curso de Jornalismo, em Imperatriz. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. Líder do grupo de pesquisa Love (Laboratório de Comunicação Visual e Edição Criativa). E-mail: yara.medeiros@ufma.br

Rhaysa Novakoski Carvalho

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. Jornalista formada pela UFMA. Pesquisadora do Siruiz (Grupo de Estudos em Comunicação e Produção Literária) e do Love (Laboratório de Comunicação Visual e Edição Criativa). E-mail: novakoski.rhaysa@gmail.com.



Resumo

Este trabalho apresenta a trajetória do design editorial em Imperatriz (MA), delineada por meio da memória gráfica e análise visual dos principais diários locais no período de cinco décadas. A pesquisa se debruça nos jornais *O Progresso* (1970), *Jornal de Imperatriz* (1985), *Jornal Capital* (1994), *Folha do Dia* (1998) e *Correio Popular* (2011) com o objetivo de desenhar a história visual dos impressos locais, conhecendo processos e rotinas produtivas que impulsionaram a prática na cidade. Como resultados da investigação são apontadas características visuais de cada época e reflexões sobre o modo como a atividade jornalística se desenvolveu no município. O estudo identificou três fases do design editorial: a era textual, era iconográfica e a era policrômica.

Palavras-chave: Jornais. Design editorial. Trajetória. Jornalismo impresso. Imperatriz.

Abstract

This work presents the trajectory of editorial design in Imperatriz (MA), delineated through graphic memory and visual analysis of the main local diaries in the period of five decades. The research focuses on the newspapers *O Progresso* (1970), *Jornal de Imperatriz* (1985), *Jornal Capital* (1994), *Folha do Dia* (1998) and *Correio Popular* (2011), with the aim of drawing the visual history of local printing, knowing productive processes and routines that boosted the practice in the city. As results of the investigation are pointed out visual characteristics of each epoch and reflections on how the journalistic activity developed in the municipality. The study identified three phases of editorial design: the textual era, the iconographic era, and the polychromic era.

Keywords: Newspapers. Editorial design. Trajectory. Print journalism. Imperatriz.

1 Introdução

Pensando na importância da comunicação visual para a percepção humana e para o desenvolvimento dos veículos de imprensa ao longo dos anos, este trabalho apresenta os resultados do estudo sobre a trajetória do design editorial nos impressos diários de Imperatriz, Maranhão, desde a década de 1970. Seguindo o conceito adotado pela Associação Nacional de Jornais (ANJ), que define um jornal diário como aquele publicado no mínimo em quatro dias da semana, os periódicos escolhidos para a pesquisa foram *O Progresso* (1970), *Jornal de Imperatriz* (1985), *Jornal Capital* (1994), *Folha do Dia* (1998) e *Correio Popular* (2011).

Para documentar o percurso estético dos jornais imperatrizenses, o recorte de análise foi determinado com base nas mudanças mais significativas implementadas a partir da década de 1970 até 2013. Os resultados, obtidos por meio da análise visual dos impressos e dos dados sobre suas rotinas produtivas, mostraram uma trajetória com períodos de grandes transformações intercaladas por momentos de estagnação e até mesmo retrocesso no campo visual.

Esta pesquisa leva em consideração que a aplicação de técnicas e conceitos das artes gráficas às páginas impressas de veículos de comunicação se tornou necessária para a melhor assimilação do conteúdo noticioso. O design editorial é uma especialização do design gráfico voltado a dar forma às publicações, sejam jornais, revistas, livros ou catálogos. Caldwell e Zapatterra (2014, p. 10) consideram que o “[...] design de material editorial cumpre diferentes funções tais como dar expressão e personalidade ao conteúdo, atrair e manter os leitores e estruturar o material de forma clara”. Segundo as autoras, o design nesse campo age como “um instantâneo cultural vivo da época em que é produzido”. Desse modo, o estudo dos elementos desses projetos revela indícios importantes sobre as transformações ocorridas no universo da imprensa. Investimentos e processos de profissionalização midiáticos podem ser conhecidos a partir de um olhar sobre o design editorial.

Em tempos de alta especulação sobre o destino dos jornais impressos, teoricamente ameaçados, sobretudo pelo estabelecimento da internet como fonte de informação e principal plataforma de leitura, diversos pesquisadores e especialistas refletem sobre soluções para a sobrevivência de um dos meios de comunicação mais antigos do mundo. Nesse cenário, o design editorial é um dos elementos de configuração e reconfiguração da maneira de comunicar desses veículos e a apresentação visual é um mecanismo de atração do público leitor. À vista disso, assim como em diversos lugares, em Imperatriz a aproximação entre o jornalismo impresso e o design editorial não foi um processo simples.

Tendo em vista essas questões, considera-se fundamental para esta pesquisa a análise visual dos impressos selecionados, destacando suas características estéticas e históricas. Damasceno e Gruszynski (2014, p. 124) explicam que “[...] diferentemente de outras perspectivas metodológicas, o campo do design não fornece caminhos nitidamente traçados, métodos de investigação pré-estabelecidos”. Assim, a metodologia aplicada aqui é uma síntese baseada em autores da comunicação visual e pesquisadores de design editorial em jornalismo, aliada à investigação das rotinas produtivas dos jornais, por intermédio de entrevistas em profundidade com profissionais que já trabalharam em algum momento nos periódicos estudados.

A análise das publicações permitiu a construção de uma linha do tempo, contando a história do jornalismo impresso local sob um olhar diferenciado, tendo como foco o design das páginas, as tecnologias que influenciaram as rotinas de produção e impressão e os elementos visuais como componentes da unidade discursiva de cada um dos impressos.

2 Jornalismo e design

A forma como as notícias são organizadas na página merece atenção especial quando se quer ter êxito na comunicação da informação. Pivetti (2006, p. 177) afirma que “[...] a linguagem jornalística

compõe-se, na mesma medida, de comunicação visual e verbal”. Dessa maneira, o design da página assume o papel fundamental no estabelecimento do contrato de comunicação entre o público e o periódico (GRUSZYNSKI, 2012).

No trato jornalístico, existem parâmetros que definem o valor dos fatos de acordo com determinadas variantes – critérios de importância e noticiabilidade, ou valores-notícia (WOLF, 1999). Assim como esses parâmetros indicam o fato que é considerado mais importante noticiar no jornalismo, no design jornalístico “[...] a articulação entre os elementos gráficos procura estabelecer materialmente a correspondência a esses valores do conteúdo noticioso”, ou seja, o design da página é responsável por traduzir visualmente o valor noticioso dos elementos dispostos ao longo do impresso (DAMASCENO; GRUSZYNSKI, 2014, p. 117).

Apesar de a importância do planejamento editorial gráfico parecer óbvia em um contexto atual, nem sempre foi assim. Desde seu surgimento, o jornalismo impresso sofreu uma série de modificações, resultantes tanto da transformação da sociedade quanto do aprimoramento tecnológico. Diante de novas realidades, os jornais tiveram que buscar inovações, principalmente no campo visual, para que sobrevivessem aos desafios de um mundo em constante metamorfose. As alterações gráficas mais significativas ocorreram primeiro nas revistas ilustradas. Os jornais não usavam maquinário adequado para diariamente reproduzir imagens e nem havia pessoal treinado para operar grandes inovações na era tipográfica.

Na década de 1950, o *jornal Última Hora* promove mudanças estéticas inovando com grandes manchetes na capa, ares de jornal popular e fotos sequenciadas. O projeto gráfico é do paraguaio Andrés Guevara, ilustrador, pintor e designer de grande importância para a modernização dos jornais no Brasil. Além de usar cor no logotipo do *Última Hora*, implantou a folha milimetrada para composição das páginas mudando o modo de planejar a diagramação e influenciando redações de todo o país. O

Jornal do Brasil, em 1956, começou uma ampla reforma gráfico-editorial, que condensa uma série de inovações da época e cria suas próprias, tornando-se referência nacional (MEDEIROS, 2020).

Nas décadas seguintes, os periódicos brasileiros passaram por grandes transformações, possibilitadas, também, pela evolução das tecnologias ligadas ao planejamento visual, à diagramação e à impressão em grande escala (FERREIRA JÚNIOR, 2003). Aliado a isso, com a informatização das redações, Ferreira Júnior (2003) explica que os jornais impressos passaram a se parecer, cada vez mais, com as revistas e a televisão. Já nos últimos anos, “a importância do design para os jornais foi revigorada e impulsionada por quedas de circulação no setor e pela configuração midiática contemporânea, marcada pela presença das tecnologias digitais” (DAMASCENO; GRUSZYNSKI, 2014, p. 109-110). Na segunda década do século XXI, os jornais vivem uma virada em suas rotinas produtivas relativas ao design editorial, priorizando o campo digital e substituindo diagramadores por programadores (MEDEIROS, 2020).

2.1 O impresso em Imperatriz

Apesar da diversidade e do aprofundamento acerca do tema, as pesquisas sobre design editorial em jornalismo ganharam fôlego no Brasil somente na primeira década do século XXI. Essa perspectiva é ainda mais restrita em Imperatriz, uma vez que a profissionalização do planejamento gráfico no município foi lenta e este estudo foi o primeiro sobre a temática realizado na cidade.

De acordo com a pesquisa de Assunção (2011), tanto a chegada de veículos de comunicação impressos quanto a preocupação gráfica com a apresentação da página foram tardias na cidade, visto que o município foi fundado em 1852 e os primeiros periódicos locais apareceram somente na década de 1930, mais de 80 anos depois. A expansão desses meios, por sua vez, só aconteceu após 40 anos de seu aparecimento, a partir da década de 1970. A seguir, é realizada uma breve apresentação dos jornais analisados

211 Jornal O Progresso

O jornal *O Progresso* é o periódico mais antigo do município, fundado em 3 de maio de 1970 pelo empresário José Matos Vieira e pelo advogado e jornalista Jurivê de Macedo. Inicialmente, a publicação apresentava quatro páginas e tinha circulação semanal. Em 1973, enquanto diversos outros lugares do país aderiram ao *offset* como forma de modernização de suas publicações, *O Progresso* se equipava com modelo já ultrapassado. Com a chegada da linotipia ao jornal, a diagramação totalmente manual passou a ser mecânica, e os exemplares começaram a ser impressos duas vezes por semana (FRANKLIN, 2005).

Ao longo do tempo, o então semanário passou por mudanças tanto gráficas quanto administrativas (ASSUNÇÃO, 2011). Em outubro de 1975, o periódico é vendido e fica sob o comando de Sérgio Antônio Nahuz Godinho. A pesquisa de campo revelou que o jornal passou a circular de terça-feira a domingo no dia 1º de setembro de 1979, com a novidade informada na edição. A partir daí, foi identificado que *O Progresso* mostra uma apresentação simples e predominantemente verbal, com conteúdo voltado para o cotidiano da região e do estado.

Em 1986, os administradores decidiram comprar novas máquinas. Se inicia, então, o processo de implantação do sistema *offset* e digitalização da redação. Segundo Franklin ([2016?], p. 1), “[...] a clichéria dá espaço à fotomecânica, e as velhas linotipos, aos computadores. O prelo é aposentado para dar lugar às impressoras digitais”. Franklin afirma, ainda, que as mudanças tecnológicas influenciaram diretamente na alteração visual do periódico, assim como no modo de fazer jornalismo.

Em 1987, que a gente já tinha dinamizado mais o jornal, nós passamos a ter colunistas de fora, de renome, como Joel Mibete, simultâneo com a Folha de São Paulo. Naquele tempo a gente ainda não tinha internet, [...] o material chegava por Telex. A gente também se associou com a Agência Brasil, que fornecia o informativo nacional,

passava o dia chegando, selecionava. A gente tinha uma qualidade jornalística tanto nacional, quanto local, em primeiro nível (FRANKLIN, 2016, não paginado).¹

Após essa década, são poucos os avanços e investimentos realizados pelo *O Progresso*, tanto em material humano quanto em máquinas e equipamentos. Mesmo com a presença de alterações visuais com alguma relevância, como a inserção de cores primárias nas principais páginas, o periódico não apresenta grandes inovações gráficas. A exceção quanto ao período de estagnação do jornal ocorreu com a compra de máquinas bicolores em 2012, possibilitando a impressão totalmente colorida de algumas áreas nobres do periódico, recurso já utilizado em outros veículos locais, desde a década anterior.

2.12 Jornal de Imperatriz

Em 1º de dezembro de 1985 surgiu o *Jornal de Imperatriz*. Apesar da curta duração, em torno de um ano, ele se destacou por ser o primeiro diário impresso em *offset* do município (SANCHES, 2003). A implantação desse sistema garantiu o aceleração da produção do jornal, uma vez que otimizou a reprodução de imagens e tons de cinza, alcançando alta velocidade de impressão (FREIRE, 2009).

De acordo com a entrevista realizada com o jornalista Edmilson Sanches (2016), o *Jornal de Imperatriz* foi idealizado pelo empresário José Maria Quariguasi. O fundador era dono da gráfica na qual o periódico seria impresso. Ele reuniu uma equipe de oito pessoas, formada por jornalistas, colaboradores e o diagramador.

A quantidade de páginas do veículo variava entre seis e dez a cada publicação, e seu horário de fechamento ocorria mais tarde do que os outros periódicos da época. Vale ressaltar que o *Jornal de*

¹ Informação verbal. Entrevista concedida pelo historiador e jornalista Adalberto Franklin (1962-2017), em 20 de janeiro de 2016 para este estudo.

Imperatriz foi o primeiro concorrente direto de *O Progresso*, que implementou o sistema de impressão em *offset* no ano seguinte ao surgimento do pioneiro.

2.13 Folha do Dia e Jornal Capital

Merecem destaque, no período correspondente à década de 1990, os jornais de interesse geral com circulação diária, como o *Jornal Capital*, criado por Conor Pires Farias, em 2 de setembro de 1994. O periódico foi um dos jornais com maior tempo de circulação em Imperatriz, com 16 anos de existência. Inicialmente, apresentava 16 páginas, distribuídas em três cadernos.

O *Jornal Capital* foi um dos precursores no processo de informatização das redações no município. De acordo com Assunção (2011, p. 45), “[...] nos anos 2000, a quantidade de páginas do *Jornal Capital* é reduzida, passa a apresentar 12 páginas. Ainda, observou-se a frequência de erros nos textos e na impressão desse periódico”. Algumas das demais características do veículo foram as constantes mudanças gráficas ao longo dos anos e a falta de uma identidade visual totalmente definida. Mesmo com essas problemáticas, o *Capital*, como também era chamado, teve uma existência longa e fechou as portas no início de 2010.

Com a primeira publicação em 10 de outubro de 1998, o *Folha do Dia* foi o primeiro jornal a apresentar cores em quatro páginas e fotografias coloridas. O jornal foi fundado pelos empresários Chafi Braide Júnior, Sérgio Macedo e o ex-prefeito de Imperatriz, Ildon Marques (ASSUNÇÃO, 2011). O jornal trouxe um design diferenciado, possibilitado pelo uso de máquinas e equipamentos modernos no campo gráfico e digital. Segundo o jornalista Gil Carvalho, um dos 15 funcionários que trabalhavam na redação e diagramação, o *Folha do Dia* adquiriu o que se considerava de mais moderno na época. “O que tinha de mais moderno em parque gráfico nós tínhamos em Imperatriz para o jornal. Os computadores eram todos zerados, de ponta” (CARVALHO, 2016, não paginado)².

² Informação verbal. Entrevista concedida pelo jornalista Gil Carvalho, em 27 de janeiro de 2016 para este estudo.

Por esses motivos, o periódico foi considerado pelo jornalista Edmilson Sanches (2003) como um jornal inovador. “[...] cores em quatro páginas (primeira e última página), coluna fixa de correção de erros e a mais completa estrutura editorial e industrial do jornalismo imperatrizense até aquela época” (SANCHES, 2003, p.175). Apesar das contribuições que o *Folha do Dia* trouxe para a imprensa local, o jornal circulou por um curto período, de cerca de três anos. Durante esse tempo, não passou por grandes mudanças gráficas.

2.14. *Correio Popular*

Nos últimos anos de estudo, o periódico diário *Correio Popular* ganhou espaço no jornalismo impresso local. Com a primeira publicação datada em março de 2011, o jornal substituiu o *Correio de Imperatriz*, que circulou no ano anterior como um semanário de 12 páginas (ALMEIDA et al., 2015). Possuía apresentação visual atrativa, com cores vibrantes e a escolha de fotos que marcam o jornalismo sensacionalista (RIBEIRO, 2014). A capa, contracapa e páginas centrais eram totalmente coloridas. O primeiro diagramador do periódico foi Luciano Oliveira, que já tinha emprego na gráfica e cuidava da composição do antigo *Correio de Imperatriz*. Luciano explica que

No caso do Correio Popular, eu estive por trás de tudo desde zero. Como a ideia era criar um jornal formato tabloide, [...] procurei usar tipografias sem serifas, em busca de transmitir essa nova cara que o jornal queria passar aos leitores. Foi algo totalmente diferente do que, até então, vinha sendo feito na cidade por outros jornais, que sempre tinham a característica de serem clássicos e tradicionais (OLIVEIRA, 2016, não paginado)³.

Em pouco tempo, o periódico aumentou de tamanho. No início de 2013, o *Correio Popular* implementou mudanças visuais significativas, como atualização do logo e de alguns recursos gráficos das páginas. Elementos típicos do jornalismo sensacionalista ganharam menos destaque. Durante as

³ Informação verbal. Entrevista concedida pelo diagramador e designer Luciano Oliveira, em 28 de janeiro de 2016 (via e-mail) para este estudo.

transformações, houve investimento, também, na área profissional, com a contratação de mais jornalistas, valorizando o conteúdo (ALMEIDA et al., 2015).

Mesmo depois de ter empreendido grandes mudanças internas e ter influenciado a concorrência e o jornalismo local, o *Correio Popular* encerra suas atividades em dezembro do mesmo ano, sem maiores explicações e em um momento em que sua credibilidade estava em alta entre os leitores e a população imperatrizense (ALMEIDA et al., 2015).

3 Desbravando o design gráfico nos jornais de imperatriz

Desde que os jornais assumiram a condição de produto e passaram a usar técnicas publicitárias na exibição das notícias, foi necessário profissionalizar e aproximar o departamento de arte ao da redação. A herança dessas mudanças influencia o mercado do impresso até hoje. Damasceno e Gruszynski (2014) afirmam que

Na medida em que o design coloca-se a serviço do jornalismo, temos formas gráficas que visam ser a expressão visual dos conteúdos. No entanto, existe uma pluralidade de maneiras de expressá-lo que está diretamente atrelada à natureza dos diversos segmentos do jornalismo (DAMASCENO; GRUSZYNSKI, 2014, p. 117).

A escolha e a aplicação de determinados elementos, em meio a essa pluralidade de técnicas, usadas para traduzir a essência citada pelas autoras, formam a identidade do periódico, lhe atribuindo suas próprias características estéticas. Desse modo, a análise visual proposta e desenvolvida procurou englobar elementos básicos que compõem a página impressa dos veículos.

Uma vez que um dos principais objetivos do trabalho é documentar a trajetória do design dos periódicos de Imperatriz, foram analisados um exemplar completo de cada um dos cinco jornais por década – ou até o seu fechamento. Durante a captação dos jornais, na medida em que fossem identificados elementos visuais significativos, mas que não estavam presentes nas edições selecionadas, eles passavam a integrar a pesquisa como subsídios complementares do estudo.

Quadro 1: Exemplares selecionados para análise.

DÉCADA	EDIÇÕES SELECIONADAS
1970	O Progresso: 1º de setembro de 1979
1980	O Progresso: 1º de janeiro de 1987
	Jornal de Imperatriz: 2 de setembro de 1986
1990	O Progresso: 3 de maio de 1996
	Jornal Capital: 2 de maio de 1995
	Folha do Dia: 14 de outubro de 1998
2000	O Progresso: 3 de maio de 2005
	Jornal Capital: 2 de setembro de 2007
	Folha do Dia: 1º de fevereiro de 2001
2010	O Progresso: 7 de setembro de 2013
	Jornal Capital: 19 de maio de 2010
	Correio Popular: 20 de novembro de 2013

Fonte: elaborado pelas autoras.

Com o intuito de sistematizar a análise dos cinco jornais definidos como objetos da pesquisa, foi adotado um padrão para a captação de exemplares de cada um dos periódicos. Foram visitadas a Biblioteca Municipal, a Academia Imperatrizense de Letras e o acervo do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), todos espaços públicos. Para construir uma amostragem regular, foi determinado o diagnóstico superficial de um exemplar a cada quatro meses, desde a data da fundação do veículo, para os jornais com mais de um ano. Nos impressos com menos de um ano, uma edição foi examinada a cada três meses, resultando em quatro jornais no ano. No total, foram observados cerca de 116 periódicos, que serviram como base da seleção final para análise.

Após a observação inicial, os exemplares foram selecionados de acordo com o período que compõe o recorte de pesquisa (ver Quadro 01). Os critérios que guiaram a escolha das edições foram a identificação das características pontuadas durante a pesquisa documental e que melhor

exemplificavam as evoluções ou particularidades de cada período. No total, 12 edições foram estudadas conforme os conceitos de comunicação visual e diagramação.

Quadro 2: Guia para análise visual

GUIA PARA ANÁLISE VISUAL DE IMPRESSOS		
CARACTERÍSTICAS GERAIS	Formato/tamanho	Germânico, tabloide, <i>standard</i> , outro.
	Número de páginas	4, 8, 12, 16
	Tiragem	Número de cópias realizadas em cada edição.
	Modo de impressão	Litografia, <i>offset</i> , digital
ELEMENTOS DA COMPOSIÇÃO VISUAL	Topo (cabeçalho)	Quantidade de elementos, uso de logotipo, nome do jornal, interferências estéticas (linhas, quadros, pontos, etc.)
	Logotipo	Tamanho, uso de cores, posicionamento
	Leiaute	Classificações, composição simétrica e assimétrica, hierarquia, padrões
	Chamadas	Quantidade, posição, elementos de destaque
	Tipografia	Hierarquia, tamanho, estilo, quantidade
	<i>Grid</i> (colunagem)	Quantidade de colunas, padrão, uso
	Cor	Policromia, preto e branco, detalhes
	Imagens	Classificações, tamanhos, tipos de imagens, fotos, artes
	Recursos visuais	Capitular, linhas, “olho”, boxes, retículas, índices, símbolos, ícones de localização e hierarquia

Fonte: Elaborado pelas autoras.

De maneira geral, os elementos que constituem a essência de um projeto editorial “[...] compreendem o formato – ligado a especificações do suporte – e o espaço gráfico que dele deriva (número de páginas e sua encadernação), que é organizado segundo um diagrama (*grid*) [...]” (GRUSZYNSKI, 2012, p. 97-98). Nesse espaço são dispostos os demais elementos que compõem a identidade gráfica do impresso, como textos, imagens e recursos de apoio, como fios e texturas, que têm na cor uma característica fundamental.

A partir disso foi criado um quadro com os principais atributos, posteriormente observados na amostragem (Quadro 2). A análise foi desmembrada em três etapas, começando pelas características gerais de cada periódico, como o formato/tamanho, número de páginas, tiragem e modo de impressão (sistema de impressão). De acordo com Dondis (2007), um design é criado “[...] a partir de inúmeras cores e formas, texturas, tons e proporções relativas; relacionamos (os comunicadores visuais) interativamente esses elementos; temos em vista um significado” (DONDIS, 2007, p. 30), o resultado disso, segundo ele, é a composição, a intenção do profissional que o criou.

Os elementos enumerados por Dondis receberam maior atenção a partir do segundo item da tabela. A segunda etapa de avaliação compreendeu a capa do periódico. Nesse momento, todo o leiaute da página foi levado em conta. A análise contemplou a posição, o equilíbrio, as cores, o tamanho e o posicionamento de elementos como o logotipo, topo (cabeçalho) do jornal e as chamadas. A terceira parte da tabela correspondeu à análise dos elementos dispostos no miolo (página internas) do periódico. Alguns dos itens presentes na capa se repetem, mas elementos como seções e paginação são introduzidos.

Mesmo que cada item seja avaliado em seu aspecto individual, deve-se, também, considerar o conjunto de todos eles. O designer André Villas-Boas (2008) afirma que um projeto gráfico é composto por um todo, formado pela relação estabelecida entre um conjunto tipográfico e por elementos visuais, como fotos e ilustrações, que estão reunidos em uma mesma área ou suporte. Esse posicionamento em relação ao produto reforça a ideia de unidade nas páginas dos periódicos e a necessidade de se pensar na análise como um todo.

3.1 Influências das rotinas produtivas

Baseando-se na ideia de que “[...] um trabalho que se propõe a estudar o design deve cumprir a tarefa de contextualizar sua atuação, pois, muitas vezes, um olhar analítico sobre um produto

acabado pode esconder uma série de processos que o configurara” (DAMASCENO; GRUSZYNSKI, 2014, p. 122), a pesquisa sobre a trajetória gráfica dos jornais imperatrizenses foi além da análise visual. A exemplo do caminho metodológico sugerido por estas autoras, 16 profissionais de diferentes áreas de atuação dentro dos jornais foram entrevistados. Os perfis foram selecionados a partir de um mapeamento, baseando-se nos dados expostos no trabalho de Assunção (2011). Os nomes dos diagramadores, que dificilmente aparecem em outros trabalhos acadêmicos e na literatura específica, foram obtidos durante as primeiras entrevistas.

De maneira geral, a partir dos dados e das experiências descritas durante esta fase da pesquisa, foi possível identificar os “porquês” e compreender melhor o visual apresentado nas páginas de impressos diários das quase cinco décadas estudadas, assim como os processos que os desencadearam, sejam eles tecnológicos, profissionais ou sociais.

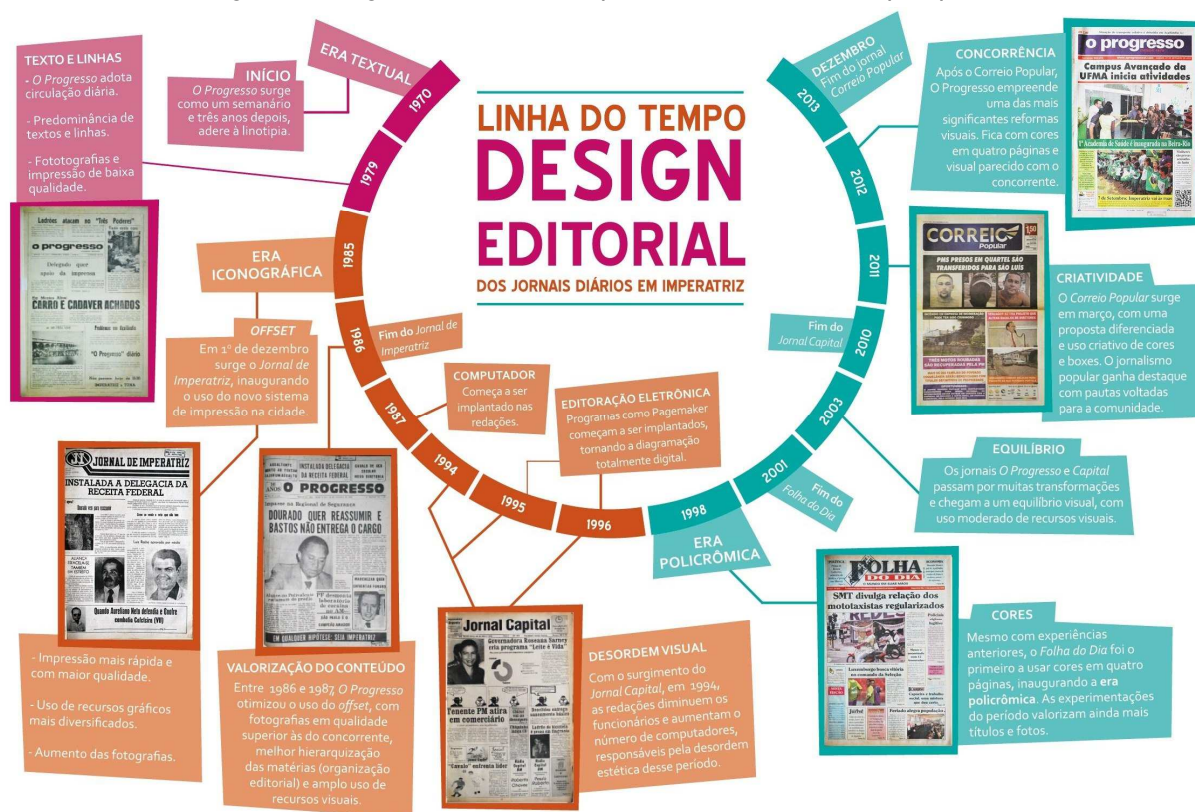
4 O DESENHO DE UMA TRAJETÓRIA

Levando em consideração a capacidade e necessidade de mutação dos veículos à medida em que a sociedade e os recursos tecnológicos que ela produz mudam, foi possível delinear, com base na análise visual e da rotina produtiva dos principais jornais de Imperatriz, uma linha do tempo, mostrando, de maneira objetiva, a trajetória que os impressos diários percorreram ao longo do período analisado.

Assim como Freire (2007) aponta no trabalho em que detalha o percurso estético do jornal *O Estado de São Paulo*, a tecnologia de produção gráfica é uma das principais variáveis no processo de reformulação visual dos periódicos ao longo dos tempos. Em Imperatriz não foi diferente. Semelhantemente à categorização realizada pelo autor (fase tipográfica, litográfica e digital), a linha do tempo do design editorial dos impressos locais pode ser dividida em três grandes eras, delimitadas, principalmente, pelo avanço tecnológico empreendido nas redações dos jornais estudados. Os

períodos foram nomeados como **era textual**, de 1979 a 1985; **era iconográfica**, de 1985 a 1997; e **era policrômica**, de 1998 até os dias atuais (Figura 1).

Figura 1: Infográfico elaborado a partir dos resultados de pesquisa.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Após avaliar as particularidades levantadas durante a análise, constatou-se que a primeira fase, a **era textual**, foi caracterizada pela escassez de elementos gráficos nas páginas e pela predominância do conteúdo textual. O único diário a circular nessa época, que compreende o fim dos anos de 1970, indo até 1985, foi o jornal *O Progresso* (ver Figura 2). Nesse período, apesar de já se identificar a presença de fotografias, as imagens não ocupavam espaços de relevância na página impressa, e as linhas eram os principais recursos visuais empregados na composição dos layouts, em sua maioria simples e quadrados.

Durante esse período, os jornalistas foram alheios à construção visual das publicações, sendo estritamente separadas a parte de redação da área gráfica. O tipógrafo, ou diagramador, seguia modelos pré-esquematizados pelo editor, que geralmente acumulava uma série de funções dentro da redação, e não se via muitas variações na forma de organização dos elementos.

A soberania do texto sobre a imagem começou a se desfazer com a chegada da **era iconográfica**, marcada pela implantação do sistema de impressão em *offset* nos impressos imperatrizenses. A análise mostrou que o *Jornal de Imperatriz* inaugurou essa fase, que durou de 1985 a 1998, mas foi *O Progresso* que, mesmo posteriormente, desenvolveu de forma mais incisiva as possibilidades de modernização trazidas pela inovação tecnológica. Os programadores não eram jornalistas e, em sua maioria, haviam aprendido o ofício por meio da prática. Esse é o caso de Ana Duarte, que começou a trabalhar no jornal em 1988.

Eu comecei no Progresso em 1988, como revisora. Depois que fiz o curso, fui digitar as matérias [...]. Fiquei abusada de digitação. Então, eu quis diagramação. Nessa época era o Johnny (que diagramava), ele trabalhava numa máquina que fazia todo o processo de impressão e de formatação. Eu comecei a observar o Johnny trabalhar. Todo mundo ia embora e eu ficava diagramando, só eu mesma. Eu aprendi só no olhar, não fiz curso, nem nada disso. [...] Aí eu fui operar a Forma12 (DUARTE, 2016, não paginado)⁴.

Juntamente com o novo sistema de impressão, veio o processo de informatização das redações, que permitiu a melhor organização da página impressa, por meio do rigor e da precisão de programas de editoração eletrônica – implantados, em Imperatriz, em meados da década de 1990.

Figura 2: Capas de *O Progresso* (01/09/1979) e *Jornal de Imperatriz* (02/09/1986).

⁴ Informação verbal. Entrevista concedida pela diagramadora Ana Duarte, em 13 de janeiro de 2016 para este estudo.



Fonte: As autoras.

As imagens começaram a ganhar maior destaque e a dialogar com os demais elementos na página, que passaram a ser mais diversificados. Aliás, outra característica dessa era é a desordem visual causada pelo processo de adaptação e integração de diagramadores às novas tecnologias de montagem das páginas e disponibilidade de novos recursos, que foram usados em excesso durante algum tempo, inclusive até o início do próximo período. A essa altura há uma combinação mais equilibrada entre o verbal e o não-verbal, além do início de uma aproximação entre os jornalistas e a prática de composição dos periódicos, ocasionada, sobretudo, pela inserção do computador nas redações, fazendo com que os próprios profissionais tivessem que digitar e revisar o seu texto.

Figura 3: Página 7A, 8A e capa do Caderno B, *Folha do Dia* (01/02/2001).



Fonte: As autoras.

O último período identificado na análise, a **era policrômica**, teve princípio com o surgimento do jornal *Folha do Dia*, em 1998, e durou até o fim do recorte temporal deste trabalho (Figura 3). Com uma estrutura editorial diferenciada e cores em quatro páginas, incluindo as fotografias, o veículo, com apresentação visual mais profissionalizada, agregou ao jornalismo local as tendências nacionais de incorporação das características da internet, das revistas e da televisão. De acordo com o empresário Chafi Braide Júnior, um dos donos do veículo, os funcionários se envolveram de alguma forma na construção da identidade visual do *Folha do Dia*, que teve a contribuição, inclusive, de profissionais especializados. “Foi feito com jornalistas que participavam do grupo e o pessoal de design. Dois designers. A gente foi vendo como seria a configuração, as chamadas. Foi definido em grupo de estudo” (BRAIDE JÚNIOR, 2016, não paginado)⁵.

Figura 4: *Correio Popular* com tamanho expandido (09/11/2012).

⁵ Informação verbal. Entrevista concedida pelo empresário Chafi Braide Júnior, em 12 de janeiro de 2016 para este estudo.



Fonte: As autoras.

Passando por um período de estagnação após o fechamento do jornal, os periódicos remanescentes empreenderam experimentações, sobretudo na apresentação de suas capas, mas as mudanças foram pouco significativas. Os jornalistas e os diagramadores passaram a dialogar melhor, ao passo em que um setor começou a influenciar o outro, com mais atenção na estética das páginas. “Tivemos praticamente uma aula de diagramação para poder entender isso (tamanhos de títulos e texto) e levar para o jornalismo. [...] Já pensávamos no esqueleto. Nós tínhamos uma sintonia” (CARVALHO, 2016, não paginado).

Em 2011, o impresso *Correio Popular*, devolve o dinamismo para o jornalismo da cidade. Com inovações que aliaram o design ao conteúdo, as cores foram o grande trunfo do jornal que acabou por obrigar o concorrente a mudar a forma de apresentação das notícias. Com base no que foi

citado, as principais características dessa era são o uso das cores como forma de comunicação, o equilíbrio entre a forma e o conteúdo e a busca por referências, sobretudo da internet.

Durante esse período, além do diálogo com os comunicadores visuais, muitos jornalistas já possuem conhecimento técnico de diagramação e acompanham de perto o trabalho dos profissionais dessa área. O redator-chefe do *Correio* na época destacou algumas particularidades do grupo, que “iniciou com uma equipe muito nova, tanto em idade, quanto no mercado e na experiência” (MACEDO FILHO, 2016, não paginado)⁶. Quanto a isso, Maciel (2011) explica que, por dispor de equipe escassa, o jornal exibe notícias curtas, factuais, muitas delas nacionais, indicando, dessa maneira, a falta de estrutura maior para as coberturas. Por conta disso, percebeu-se o uso mais criativo da página. Uma vez que o diagramador tinha mais espaço para criar diferentes composições, era comum observar fotos grandes e com recortes diferenciados, títulos grandes, boxes chamativos, entre outras subversões típicas de tabloides, e inusitadas, até então, para a imprensa local.

Após percorrer as páginas dos cinco jornais de maior relevância para a cidade, ao longo de cinco décadas, é possível afirmar que houve uma profissionalização no uso dos recursos gráficos e na sua combinação com os elementos jornalísticos indispensáveis para a formulação dos periódicos. No entanto, muitos aspectos dessa trajetória foram envoltos em controvérsias em alguns casos. Conforme foi identificado anteriormente, por ser um município de interior, Imperatriz não esteve, durante um bom tempo, no enalço das revoluções gráficas e transformações estéticas dos jornais de referência do país. Com base em autores como Azevedo (2009), Freire (2007) e Medeiros (2020), que esmiuçaram o percurso visual-gráfico de grandes jornais brasileiros, e entendendo as particularidades de cada local no desenvolvimento de sua própria história, a análise aponta um descompasso temporal de cerca de dez anos em relação às mesmas mudanças empreendidas em nível nacional.

⁶ Informação verbal. Entrevista concedida pelo jornalista Jurivê de Macedo Filho, em 28 de janeiro de 2016 para este estudo.

Esse cenário só pôde ser parcialmente revertido com o advento da internet e a consolidação da digitalização das redações, a partir dos anos de 2010, mas sem demonstrar real compromisso de elevação, ou aproximação, da apresentação visual dos impressos locais ao nível profissional dos grandes veículos.

5 Algumas considerações finais

Diante de tudo o que foi exposto, pode-se reforçar que, por meio da ótica do design editorial, os projetos gráficos que permearam as páginas impressas dos jornais ajudaram a construir uma versão visual da história do jornalismo imperatrizense, contada pelas próprias páginas dos veículos, com a ajuda dos protagonistas na produção jornalística ao longo dos tempos.

Em consequência dos resultados da investigação, foi ratificado o conceito inicial de que o design de jornais vai muito além da ideia comum de simples atração visual (o que já é importante) e embelezamento da página, sendo reconhecido como um instrumento poderoso de transmissão de informações, por meio das diferentes escolhas de organização dos elementos na página. A pesquisa, de maneira geral, possibilitou o entendimento de como o projeto gráfico influencia o trabalho jornalístico, e vice-versa, como ferramenta intrinsecamente informativa.

Ao levantar a memória e apreciar aspectos peculiares sobre a prática do impresso na atualidade, o trabalho se colocou como uma viagem no tempo, saudando e problematizando a experiência do impresso ao longo das décadas que integram o recorte de análise, ao mesmo tempo em que aponta caminhos e desafia a busca por novas práticas para perpetuação e reinvenção da atividade. O resgate dos jornais fez com que a história do impresso em Imperatriz fosse retirada de estantes e armários empoeirados, para ser apresentada ao mundo, iluminada, ainda, por uma nova perspectiva.



Referências

- ALMEIDA, D. A. de. *et al.* Fim das páginas impressas do jornal Correio Popular em Imperatriz. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 17, 2015. Natal. **Anais [...]**. Natal: Intercom, 2015.
- ASSUNÇÃO, T. S. **Imprensa em Imperatriz – MA**: uma proposta de periodização dos jornais impressos (1932 – 2010). 2011. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Imperatriz, 2011.
- AZEVEDO, D. A evolução técnica e as transformações gráficas nos jornais brasileiros. **Revista Mediação**, Belo Horizonte, v. 9, n. 9, p. 81-97, jul./dez. 2009.
- BRAIDE JÚNIOR, C. **Depoimento**. [Entrevista concedida a] autora 1. Imperatriz, 2016.
- CARVALHO, G. **Depoimento**. [Entrevista concedida a] autora 1. Imperatriz, 2016.
- CALDWELL, C.; ZAPPATERRA, Y. **Design editorial**: jornais e revistas/mídia impressa e digital. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.
- DAMASCENO, P. L. **O design editorial da cultura**: um estudo do projeto gráfico do Segundo Caderno do jornal Zero Hora. 2012. 306 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS), Porto Alegre, 2012.
- DAMASCENO, P. L.; GRUSZYNSKI, A. C. Design de jornais – processos, rotinas e produto: um estudo do Segundo Caderno, suplemento cultural do Zero Hora. **Brazilian Journalism Research**. Brasília, DF. v. 10, n. 1, p. 108-127, 2014.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- DUARTE, A. **Depoimento**. [Entrevista concedida a] autora 1. Imperatriz, 2016.
- FRANKLIN, A. **Depoimento**. [Entrevista concedida a] autora 1. Imperatriz, 2016.
- FRANKLIN, A. **Breve História de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 2005.
- FREIRE, E. N. O *design* no jornal impresso diário. Do tipográfico ao digital. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.291-310, dez. 2009.
- GRUSZYNSKI, A. C. O papel do design gráfico no estabelecimento de contratos de leitura de jornais impressos. **Estudos em Comunicação**, [S. l.], v. 1, p. 85-106, 2012.
- MACEDO FILHO, J. **Depoimento**. [Entrevista concedida a] autora 1. Imperatriz, 2016.
- MACIEL, Alexandre Zarate. Aqui Imperatriz!: perfis de pessoas comuns no jornal Correio Popular. In: Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste, 13, 2011, Maceió. **Quem tem medo de pesquisa empírica?**. Maceió: Intercom, 2011. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-0618-1.pdf>.
- MEDEIROS, Y. **Jornalismo visual nas narrativas da grande reportagem brasileira**. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.
- OLIVEIRA, L. **Depoimento via e-mail**. [Entrevista concedida a] autora 1. Imperatriz, 2016.
- PIVETTI, M. **Planejamento e Produção Gráfica no Impresso**: a linguagem jornalística e a experiência nacional. 2006. 183 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2006.
- SANCHES, E. **Enciclopédia de Imperatriz**: 150 anos. Imperatriz: Instituto Imperatriz, 2003.
- VILLAS-BOAS, A. **Produção gráfica para designers**. Rio de Janeiro: 2AB, 2008.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Tradução: Maria Jorge Vilar de Figueiredo. 5. ed. Lisboa: Editora Presença, 1999.